

A criança, ser em evolução*

S. Krynski*

Senhor Presidente e demais membros desta mesa diretora, senhoras e senhores:

Ter sido o primeiro presidente da ABENEPI é, ao mesmo tempo uma tarefa altamente honorífica e espinhosa. Honorífica, por dever estar presente em todas as ocasiões, por ser convidado a “fazer parte da mesa”, por todos os aspectos agradáveis que a palavra “honorífico” encerra. Uma espécie de “ocio cum dignitatis” dos senadores romanos.

Espinhosa, porque a este prazer se acrescenta a obrigação de “atestar” essa presença, de falar - o que, no meu caso particular, tem uma conotação muito especial - de dizer alguma coisa “digna de um ex-presidente” e que se espera não esteja ainda totalmente esclerosado.

Daí minha presença aqui esta noite. Noite de festa, de alegria, de conagração, de análise do presente e de esperanças para o futuro. Início de congresso. 5º congresso da ABENEPI. Saudades... Guarujá... Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte... Agora, Salvador. Aleluia (ou para ser mais preciso: saravá).

Minha presença aqui, hoje, tem mais uma justificativa. Fui “nomeado” (o termo é atual) uma espécie de “mestre de cerimônias” deste Congresso, o que me faz imensamente vaidoso e agradecido. Se Belo Horizonte foi para mim a afirmação da presença, este é o da reafirmação - no testemunho da neuropediatria e da psiquiatria infantil brasileiras (agora já reconhecidas pelas autoridades constituídas). Vejo aqui presentes alguns dos integrantes de nossa primeira “bandeira”. Somos os “precursores”, as crianças do passado das duas subespecialidades.

Mas voltemos à realidade (preciso ao menos disfarçar minha arteriosclerose).

A criança, como ser em evolução.

Durante todo o Congresso, este tema será exaustivamente desenvolvido, sob vários aspectos e com conotações diversas, desde a “neuropsicologia” do desenvolvimento até a psicoterapia, com passagens pelos diferentes painéis que garantirão a variedade do *menu*, capazes de satisfazer os apetites mais exigentes.

Minha tarefa é “introduzir” o tema.

Às vezes me pergunto por que sempre me dão tarefas tão estranhas.

Em Belo Horizonte tive de falar sobre “a criança, a família e o mundo em transformação”.

Dessa vez me deixaram só a criança, mas mesmo assim, como “ser em evolução”...

Estranho.

Talvez o estranho seja eu.

* Tema oficial do 5º Congresso Brasileiro de Neuro-Psiquiatria Infantil - Salvador - agosto/1979

Mas, por mais estranho que eu seja, como fui escoteiro, não rejeito tarefa.

Vou tentar.

Inicialmente, para ser coerente, há que se definir os termos.

SER (no dicionário de Aurélio) é “o que existe ou o que supomos existir. Ente, homem, indivíduo, pessoa. Aquilo que é real”. Já é um começo.

Criança e evolução são os princípios básicos da existência da psiquiatria infantil. Por isso não os defino. É matéria considerada sabida.

Não se precisa caminhar muito para sentir as complicações. Se o ser é real e a criança, no dizer de Ajuriaguerra “no espírito de seus pais e da sociedade, é um ser real e mítico, portador de significados e de ideologias”, não estamos falando no “corpo da criança” mas de alguma coisa mais. Ente, indivíduo, pessoa. O pai do homem...

Falar da criança como ser em evolução é, antes de tudo, falar na gênese desta evolução. E o perigo é repisar no óbvio, no indiscutível. Vou procurar fazê-lo da maneira que me pareceu menos condenável. Fazendo-os refletir comigo os pontos capitais desta jornada de muitos milhões de anos que fez com que, o SER, mediante a evolução, se fizesse criança...

Vejamos:

Segundo a Summa Theologica, tudo que existe no universo é feito segundo a vontade Divina. Einstein costumava dizer que Deus não joga dados. Tudo tem uma lógica... celeste. Já Demócrito, na antiguidade, e agora Monod, dizem que tudo é fruto do acaso e da necessidade.

Camus, na beleza de suas metáforas, escreve em seu “Mito de Sisifo” - “cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre em marcha...”

É o próprio conceito de evolução. A biologia, procurando elucidar a relação do homem com o universo, é a mais significativa das ciências. E, em termos biológicos, a evolução é fundamental.

Por sua vez, a teoria molecular do código genético é a base fundamental da biologia.

Os seres vivos são máquinas físico-químicas que se constroem a si mesmas, de modo autônomo, graças a uma programação de interações protéicas e que se destroem pelo mesmo processo de reprogramação dos erros e degradações através de um mecanismo comumente denominado velhice e que termina no fenômeno da morte física.

Sei que é perigoso enveredar por esse caminho sem parecer tendencioso ou radical. Monod dizia que é imprudente a um homem da ciência enveredar pelo caminho da filosofia. Ele correrá o perigo de ser acolhido com desconfiança pelos seus pares e, na melhor das hipóteses, com condescendência pelos filósofos. Por isso, voltemos à biologia.

Três são as propriedades fundamentais que caracterizam os seres vivos: a teleonomia, transmissão dos caracteres da espécie, a morfogênese autônoma (seu mecanismo) e a invariância reprodutiva que é, entre outras, a capacidade de “conservar o acaso” como transmissão e cujo “conteúdo de invariância” é a quantidade de informação que, transmitida à geração seguinte, garante a conservação da norma estrutural específica.

Vejam que, apesar da filosofia, começamos muito modestamente.

À medida em que evoluímos (nós, as crianças) as coisas se complicam. Para Merani, como animais estamos assentados no biológico, como indivíduos dotados de pensamento, no psicológico e como homens capazes de assimilar e converter os produtos da atividade interpessoal, no social. Para Huxley, com todo o respeito pela biologia, o princípio central da evolução é essencialmente cultural.

Embora profundamente assentada nos seus três paralelismos: psicofisiológico, onto-filogenético e psicossociológico, a evolução é uma conceituação dialética que tem forma de um helicóide, no qual cada espiral reproduz a etapa anterior, porém com a hierarquia e a ubicação têmporo-espaciais diferentes.

Voltemos um pouco nossa atenção para a evolução do cérebro humano.

De acordo com Luria, três são as principais unidades funcionais, cujas íntimas participações são necessárias para qualquer tipo de atividade mental. São elas: a unidade reguladora do tonus e da vigília, representada pelas estruturas mais arcaicas, embora em estreita conexão funcional com as estruturas corticais mais novas; a unidade destinada a receber, processar e armazenar a informação que vem aos centros, representada especialmente pelas regiões laterais do neocórtex e convexidade dos hemisférios. Vale lembrar que tais “associações” parecem estar regidas pelas leis de estrutura hierárquica, especificidade decrescente e da lateralização progressiva das funções. Finalmente, a terceira, a mais nova e a mais complexa - a unidade que programa, regula e verifica a atividade mental. Assim como diz Luria, “o homem não reage passivamente à informação que recebe, senão quando cria intenções, forma planos e programa sua ação, inspeciona sua execução e regula sua conduta para que ela esteja de acordo com as programações feitas; finalmente, verifica sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo qualquer erro que tenha cometido”.

É evidente que esta complexa “organização” demandou uma evolução. Tudo isso nem nasceu com o primeiro homem, nem nasce com a criança, por mais evoluída seja a sociedade a que pertence. Usando linguagem científica, são mecanismos que evoluem, filo

e ontogeneticamente, acrescentando ao código genético original as “estampas” do adquirido e aprendido em contato com o ambiente exterior. É o “equipamento” e o “investimento” de Ajuriaguerra (ou qualquer outra denominação que preferirem) a demonstrar a evolução da criança (ser em evolução) pela história do planeta.

Mas à medida em que evolui, que “investe” seu equipamento através da interação da família e da sociedade, que recebe afeto, alimentação, carinho, muitas vezes maus-tratos - a criança também imprime sobre esse ambiente o marco indelével de sua passagem.

É o terceiro elemento - a “marca” da criança sobre seu pequeno mundo a refletir sobre o mundo dos adultos - é o molde do pé humano (tão frágil e tão poderoso) sobre a superfície da Lua, agora definitivamente integrado na “ecologia” daquele satélite.

A família que tem uma criança é absolutamente diferente daquela que não a tem. É o ser criança fluindo sobre sua própria evolução.

O helicóide evolutivo é influenciado pelo “projétil”, pela resistência ambiental a este mesmo projétil e também pelas qualidades do projétil em si mesmo. Isso transportado para o espaço-tempo dá a medida exata da evolução da criança em sua “marcha cega” para o futuro do homem e para o homem do futuro.

Tempo houvesse, e valeria a pena analisar os diferentes vetores responsáveis por essa trajetória. O fato concreto, já que não há tempo para tanto, é que todos os tipos de atividade consciente formam-se sempre com a ajuda de agentes externos, que a localização das funções cerebrais não é nem constante nem estática, mudando essencialmente durante o período de desenvolvimento e de aprendizagem e que toda atividade humana, a princípio desordenada e complexa, se condensa gradualmente e se transforma em habilidade automática e que, ainda com Luria, tudo leva a crer que a origem do pensamento é sempre a presença de uma tarefa a cumprir. Estamos em permanente evolução dialética, triádica, na qual passado e presente se projetam no futuro, como a imagem fantástica do filme 2001 de Stanley Kubrick... A criança é o pai do homem.

É extremamente difícil falar em evolução infantil sem tocar em Piaget e todos aqueles que contribuíram para argamassar o já sólido edifício da psicologia infantil. Os moldes estruturalistas piagetianos certamente dinamizaram o panorama estático da psicologia evolutiva clássica, mostrando a criança como algo ativo, atuante, interagindo com o ambiente no processo evolutivo, dentro do conceito de “equilíbrio móvel”. Segundo o próprio Piaget - “conhecer um objeto é atuar sobre ele. Saber é modificar...” Foi, provavelmente, assim que a criança se fez homem - agindo e modificando.

Depois veio Freud, legando à posteridade científica três postulados intimamente ligados com a evolução infantil, que provavelmente permanecerão inabaláveis por muitos anos: a noção de sexualidade infantil (em termos de fantasmas e não de traumatismo real, como se quis a princípio), a noção de inconsciente e, em termos terapêuticos e diagnósticos, a relação médico-paciente, instrumento insubstituível na compreensão da problemática infantil, de sua família, de seu ambiente social.

Até hoje o caminho é longo. Ai estão Bowlby, Winnicott, Ana Freud, Klein, Heuyer, Fromm, Kanner, Skinner... a psicopatologia e a neurocirurgia, a quimioterapia... tanta coisa nova... a conquista da lua, o bebê de proveta, os clones, o século vinte e um.

É o futuro que chegou.

Em termos evolutivos, as ligações didáticas, o conceito do duplo vínculo, os fantasmas do inconsciente, as relações pré-objetais, os conceitos do sim e do não, do meu e do teu, do bom e do mau, do grande e do pequeno. É difícil conquistar o mundo dos adultos.

Em termos psicológicos, a eterna criança com a mente povoada de fantasias, de onipotência cósmica e identificação divina, que a impelem na “noite sem fim” e a afogam nos sentimentos de culpabilidade e na necessidade de sublimação, emergindo (o termo é atual) para um mundo novo (como já o fez um milhão de vezes no passado), cuja aurora surge como uma nova tarefa, uma nova motivação, uma deslumbrante codificação, uma nova necessidade. Com os progressos da ciência, vivendo mais e melhor, a criança de hoje se torna um ser em menor risco, eliminadas de seu caminho numerosas dificuldades, ao mesmo tempo que, com menos risco, mais protegido e menos preparado, o filho do homem torna-se cada vez mais vulnerável ao acaso e à necessidade. Modificando o meio ambiente, o homem torna-se cada vez mais dependente dele - e se o computador quebrar? e se apagarem a luz? e se acabar o petróleo?

A dúvida cresce, a angústia aumenta e com ela a violência, impelindo o homem para uma nova necessidade. Lixo atômico na Lua? Fábricas em Marte? Certamente chegaremos lá, mais cedo ou mais tarde, embora neste planeta ainda se morra de fome, se pratique a infibulação e o futuro da espécie humana seja manobrado por gente absolutamente desinteressada pelo problema.

Estamos “evoluindo”. Para onde?

Acontece que, em termos evolutivos, a história do homem sobre a face do planeta é muito recente. Dizem alguns que equivale a apenas seis anos de idade. Daí também nossas crianças não diferem muito daquelas de antigamente.

O recém-nascido humano ainda é uma criatura extraordinariamente dependente e “subdesenvolvida”

- estágio que seus irmãos macacos já superaram há muito.

Muito tempo terá que ser percorrido até que consigamos fazê-lo nascer “andando e falando”. Com todos os progressos da ciência, ele ainda se agarra ao seio como sua única tábua de satisfação e salvação. O que é certo, no entanto, é que a mudança do meio ambiente, criando novas solicitações e forçando estimulações anteriormente inexistentes, fazem o nosso pequeno SER começar a ser “criança” em fase mais precoce, evoluindo não apenas por acaso ou por necessidade, mas também por uma programação científica conscientemente dosada, capaz de exigir de suas potencialidades um pouco mais do que a nossos antepassados. Estamos começando a influir em nossos destinos.

Não há dúvida de que, se senta antes dos seis meses, se anda antes dos doze, se é estimulado linguisticamente e bombardeado sensorialmente por todos os meios disponíveis que provocam um aprendizado mais acelerado e mais complexo, se os meios de comunicação fazem-na participar mais do mundo exterior, não há dúvida de que, comparada ao seu homônimo do ano 1979 antes de Cristo, a nossa criança está em franca evolução. Considerando que a velocidade das transformações sociais aumenta e que o interesse pela criança é cada vez maior, é de crer que o bebê do ano 3.000 será realmente melhor investido que o atual. Resta saber se seu equipamento irá resistir à violência do investimento. Em caso negativo, teremos uma nova necessidade de que, aliada ao acaso, poderá trazer modificações inesperadas ao nosso “ser em evolução”.

A importância dos dois primeiros anos de vida da criança como “ser em evolução” já foi suficientemente demonstrada na literatura especializada. Embora eu tenha pessoalmente sérias dúvidas se as “cólicas do 3º mês” não são simplesmente “dores de barriga” por razões elementarmente alimentares, valem os conceitos de “depressão anaclítica” e do “hospitalismo” para

demonstrar que o homem é, em sua essência, um animal gregário, mesmo antes das já clássicas experiências de Spitz, dos macacos com mãe substituta ou mesmo das descrições já clássicas da literatura, desde Wasserman até Camus.

Também parece que o homem não é o primeiro bípede da história (excetuando o avestruz, é claro). Tudo leva a crer que os macacos superiores - os Pôngidos - já andavam de pé. O Australantropus já possuía pés e modificações da coluna vertebral, que lhe permitiam utilizar os membros superiores para a caça, sem parar de andar ou de correr, o que, evidentemente, lhe conferia qualidades excepcionais entre os predadores.

Aí surgiu a linguagem. Provavelmente por necessidade e por acaso. O que não sabemos é como essa necessidade agiu sobre as funções cerebrais e determinou o acaso. Tudo leva a crer que parafraseando o presidente Sanghor, a “humanidade” do homem se iniciou com a linguagem significativa.

Evoluiu, tornou-se um elo entre os homens, - linguagem e ferramenta. Símbolo de libertação dos povos e de coação social. Fruto, muito provavelmente, de uma mutação inscrita no código genético e transferida para as gerações seguintes.

Estamos em plena aurora do século vinte e um, diante deste maravilhoso produto da evolução, o filho do homem, que segue - por inspiração divina ou por necessidade biossocial - um caminho marcante que o levará, no futuro, à criação de uma nova linhagem, mais sofisticada do *homo sapiens*, ou quem sabe, à custa de uma violenta mutação para uma linhagem nova, para-humana, de seres mutantes qualitativamente diferentes do tranqüilo passageiro atual da “navetera”, preocupado com seu conforto e os azares da poluição ambiental.

De qualquer forma, diante das gerações futuras, será sempre uma criança - um ser em evolução - provavelmente melhor programada e mais investida.

Mais feliz, também, se possível.